

## ***A ópera dos três vinténs***<sup>1</sup>

A exposição *Phenomena* é apresentada em três atos simultâneos, em três espaços do museu, onde em cada sala os artistas visuais Domingos Rego, Isabel Sabino e Rui Serra se contagiam mutuamente ao entrecruzar visões a propósito da matéria e dos seus limites de visibilidade, enquanto convergem num confluir de narrativas que se expandem e contaminam o pensar e o fazer artístico da contemporaneidade, numa representatividade poética transversal, mas não perdendo a individualidade de cada um. Como nos dizem os autores, “numa experiência mais alargada em que *périple*, *pro* e *polis* são, afinal, desafios da abertura perceptiva e conceptual, da fluidez fenomenológica de cada elemento do projeto e do todo.”

A construção deste tríptico plural *Phenomena* é lugar onde a pintura, o desenho, a fotografia, os objetos, o vídeo e a instalação se materializam transversalmente, numa lógica de questionamento que aborda os conceitos de Natureza, do Corpo e da Cultura. Num encontro simbólico com o real, reintegrando conceitos de forma fragmentada num campo expandido, *Phenomena* associa três exposições: *périple* de Domingos Rego, *pro* de Isabel Sabino e *polis* de Rui Serra.

A exposição *Périple* de Domingos Rego materializa em obras experiências vividas e observações realizadas no Parque Natural da Arrábida, na cidade de Lisboa e na Beira Baixa, no contexto da sua prática enquanto artista visual. Os trabalhos apresentados configuram uma narrativa poética que seleciona, interpreta e valoriza os diversos estímulos sensoriais. Citando o artista, “como sugere Deleuze, o objeto artístico nada tem que ver com um ato de comunicação, mas é antes uma forma de resistência: resistir à passagem inexorável do tempo, resistir à imparável degradação da matéria e assegurando a preservação de tudo o que é essencial, parece ser a sua grande propensão.” Este ato de resistência implica uma atenção dedicada tanto ao infinitamente grande como ao infinitamente pequeno, movida pela curiosidade por tudo o que é vital e transformador.

“Assim vai, corre procura. Que procura ele? Com toda a certeza, este homem, tal como o representei, este solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando pelo grande deserto de homens, possui um objetivo mais elevado do que o do puro *flâneur*, um objetivo mais geral, que não o do prazer fugitivo da circunstância.”<sup>2</sup> Domingos Rego detém-se na singularidade das formas que a natureza nos oferece, como na série de orquídeas silvestres da serra da Arrábida, onde representa e amplia detalhes que passam despercebidos a um olhar apressado. Os trabalhos apresentados são o resultado

---

<sup>1</sup>Apropriação do título da peça de teatro musical do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, com música do compositor Kurt Weill (1928).

<sup>2</sup> Charles Baudelaire, in: *O pintor da vida moderna*, p. 24.

de um pensamento estruturado e maduro, que se consubstancia numa construção física e tátil, na qual as pinturas resultam da sobreposição de ações que expandem o tempo e o espaço, remetendo para paisagens imaginárias de planetas, constelações ou galáxias distantes. Essa dicotomia entre o natural e o edificado manifesta-se também em fotografias de cidades, que apontam direções, caminhos, deslocações e arrastamentos, tendo sempre a luz como possibilidade de revelação, como nos diz o autor. A exposição articula pinturas, desenhos e fotografias segundo abordagens próprias a cada expressão artística, valorizando os diferentes tempos de construção da imagem, bem como as distintas possibilidades de aproximação ao real.

Estas são algumas das pistas de leitura de *Périplo* de Domingos Rego, na qual é possível detetar ecos das palavras de Schiller: “Ao jovem amigo da verdade e da beleza, que quer saber como ele, apesar de toda a resistência do século, pode satisfazer ao nobre impulso do seu peito, responderei ‘Dá ao mundo em que ages a direção do bem, e o ritmo calmo do tempo trará a evolução’.”<sup>3</sup> A exposição revela a enorme importância atribuída pelo autor ao fazer, ao valor do manuseamento dos materiais na prática artística, a par de uma reflexão crítica constante.

Sofia Marçal

---

<sup>3</sup> Friedrich Schiller, in: *A educação do Homem, numa série de cartas*, p. 51.